
DEUS, FELICIDADE PLENA DO SER HUMANO:

O CONCEITO DE DEUS NA TEOLOGIA

DE ANDRÉA TORRES QUEIRUGA*

Ronaldo Silveira Motta**, Mário de França Miranda***

Resumo: o propósito deste trabalho é apresentar como Queiruga vê a face de Deus, com um olhar crítico à visão individual, temporal, sem o crivo da visão de Jesus Cristo. Esse novo conceito de Deus não é excludente, mas apresentado como um Deus para todos, sendo o que ele diz ser: um Deus de amor.

Palavras-chave: Imagem de Deus. Modernidade. Experiência de Abbá. Realização existencial.

A teologia do galego Andrés Torres Queiruga caminha em direção ao surgimento da modernidade e questiona como a religião pode se portar perante o terceiro milênio. O autor expressa a necessidade imperativa de se apresentar a teologia, que outrora fora ordenada em categorias pré-modernas, numa linguagem que atenda ao momento histórico e cultural no qual se vive. O problema que a teologia enfrenta, neste sentido, é que, ao querer apresentar a mensagem da fé de forma contemporânea, ela vem com uma roupagem puramente formal, trazendo seu conteúdo ainda com as deficiências de uma época pré-moderna.

O propósito deste trabalho é apresentar como Torres Queiruga vê a face de Deus: com um olhar crítico à visão individual, temporal, sem o crivo da visão de Jesus Cristo. Almeja-se que este estudo, embora sendo uma pequena contribuição, desperte para essa realidade tão presente em nosso tempo, trazendo discussão

* Recebido em: 28.08.2016. Aprovado em: 15.09.2016.

** Mestrado em Teologia (PUC-Rio). Professor da Faculdade Batista do Estado do Rio de Janeiro (FABERJ). E-mail: ronaldosmotta@hotmail.com.

*** Doutorado em Teologia (Universidade Gregoriana, Itália). Professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). E-mail: mfranca@puc-rio.br

sobre o assunto e a certeza de que Deus ama a todos e quer o bem e felicidade de seus filhos.

A IMAGEM DE DEUS SEGUNDO AS ESCRITURAS SAGRADAS

A deformação da imagem de Deus não é uma exclusividade do período moderno, mas uma especulação que se evidencia em todos os estágios da história. Conforme o desígnio de Deus, o ser humano e todo o mundo criado encaminham-se para a plenitude da salvação. Como afirma Miranda (2009, p. 12),

[...] a caracterização do ser humano permanece em meio às transformações da história. Mudam-se as relações sociais, os padrões culturais, as normas éticas, as referências comportamentais. Transformam-se as instituições como a família, a escola, a Igreja, ou as atividades profissionais e sociais, ou ainda os hábitos de lazer. Mas o ser humano permanece o mesmo, com suas dúvidas, seus questionamentos, suas insuficiências, seus anseios. No fundo essa identidade significa que o ser humano não se basta a si mesmo e busca algo que vai além de si próprio. “[...] aqui encontram as religiões sua razão de ser. Todas elas oferecem ao ser humano a salvação, como plenitude do que ele busca.

Percebe-se, assim, que a providência divina é o atuar amoroso e permanente de Deus junto ao ser humano e ao mundo. Isto implica a fé cristã a partir da experiência das intervenções salvíficas de Deus na história (RÚBIO, 2006). A forma como se leem os fatos da história é o que se pode chamar de revelação de Deus. Ou seja, a busca de Deus pelo ser humano nos atos mais simples da vida, no dia a dia.

A REPRESENTAÇÃO DE DEUS NO ANTIGO TESTAMENTO

No Antigo Testamento a intenção reveladora captada pelo escritor bíblico é teocêntrica, pois o que realmente interessa ali é a relação de Deus com o ser humano, na história. Não há, portanto, uma preocupação maior com o ser humano em sua individualidade. Contudo, pode-se perceber que Deus age na vida dos indivíduos no destino de Israel e das nações.

No caso específico do Êxodo como experiência fundante de Israel, é possível visualizar Deus agindo na história. O encontro com Ele é uma experiência de salvação que se dá nos acontecimentos da vida do povo e das pessoas. Ou seja, Deus intervém na vida cotidiana do povo de Israel para se manifestar como salvador¹ (RUBIO, 2006). Essa intervenção divina que acontece de cima para baixo, de Deus para o ser humano, dá a impressão de que a história é alterada de forma unilateral, sem a convivência e a participação do ser humano.

Surge assim o que se pode chamar de impressão negativa que as pessoas têm da Bíblia, especialmente quanto à imagem de Deus. As pessoas sentem-se desestimuladas de ler e refletir sobre a ação de Deus na Bíblia por acharem-na difícil e contraditória. Isso está fundamentado, por exemplo, no fato de que ela foi escrita numa época distante da atual, num estágio diferente da civilização. A cultura bíblica não corresponde à ocidental, mas à oriental, e isso traz dificuldades para se entender os costumes, valores, modos de pensar e de agir. Também a distância que separa a geração atual dos fatos bíblicos em sua origem faz desconhecer os grupos e as instituições da época bíblica, bem como as situações políticas, sociais e econômicas ali vivenciadas (WEGNER, 1998).

Para tanto, buscando uma atualização da mensagem, é necessária a aplicação dos recursos científicos, tal como a exegese bíblica, que se propõe a aclarar as situações descritas em seus textos. Ou seja, é importante redescobrir o passado bíblico para permitir que a intenção original do texto seja entendida hoje (WEGNER, 1998). Essa deve ser a ação humana na compreensão da revelação, como é em qualquer atividade que envolva aquilo que ainda está encoberto pela ignorância humana.

No entanto, mesmo diante dessa falta de saber humano, o que se observa da parte de Deus? É possível vê-lo sempre voltado com todo o seu amor sobre a humanidade, lutando contra a ignorância e a pequenez, contra os instintos e as resistências, contra os mal-entendidos e as perversões, para ir abrindo seu coração e iluminando seu rosto, que se manifesta na profundidade do ser e na esperança do destino ao ser humano (QUEIRUGA, 2001).

Com essa perspectiva, a Bíblia adquire nova luz e tudo é melhor entendido. As dúvidas e as obscuridades, seus avanços e suas vacilações devem agora ser vistos como frutos da luta amorosa de Deus que torna compreensível seu desígnio salvífico quando aproveita as circunstâncias e usa todos os meios naturais à disposição do ser humano, para assim se revelar. Nunca é Ele quem se nega – embora em alguns casos isso apareça notavelmente escrito nos textos bíblicos. Quem O pode recusar são, sim, os homens e mulheres que ainda O desconhecem, que não podem, ou não querem escutá-Lo e deixarem-se guiar (QUEIRUGA, 2001).

A REPRESENTAÇÃO DE DEUS NO ABBÁ DE JESUS

Para se compreender o que Queiruga (1993) quer dizer sobre Deus enquanto Pai, revelado por Jesus, precisa-se antes entender que quando fala dos símbolos humanos para representar Deus, ele apresenta primeiramente “Deus como autor no grande teatro do mundo”, presente em quase todas as culturas, especialmente na ocidental. Neste quadro a vida é apresentada como um grande drama, onde os seres humanos são atores que desempenham seu papel no grande cenário

da história, onde o mundo é concebido como uma grande obra de teatro, simplesmente escrita por Deus. Quando se faz um aprofundamento deste símbolo, o mundo é como o teatro, não apenas como cenário neutro em que o autor observa distanciado e desinteressado da representação da sua obra, mas onde é também diretor que interage e se compromete (QUEIRUGA, 1993).

Em seguida mostra que a experiência cristã, com a visão do *Criador*, ultrapassa a capacidade desse símbolo teatral (QUEIRUGA, 1993). No símbolo anterior encontra-se a dificuldade de superar a antinomia liberdade divina e liberdade humana. Na descrição bíblica da criação vê-se o compromisso existencial de Deus na vida do ser humano, que ultrapassa a contemplação teatral da sua ação no mundo pelo fato de fomentá-la, dirigi-la ou protegê-la. Além disso, a visão divina do Criador é mais íntima, pois é Ele que se dá como próprio ser da ação e do mundo; dá o próprio ser, a vida, ao homem que, por sua vez, tem a sensação de ter sido entregue por Deus a si mesmo (QUEIRUGA, 1993).

Finalmente, Deus é apresentado como Pai. Segundo Queiruga (1993), a escola de Viena demonstrou já nos inícios da religião que era possível descobrir *os mais primitivos dos primitivos* símbolos, que apareciam como chaves para a figura de Deus como Pai e que reforçavam a teoria da concepção do *monoteísmo primitivo*. Em momentos posteriores da evolução religiosa, tal figura perdeu-se – ou se diluiu – e foi recuperada mais tarde nos deuses supremos do *panteão* e, sobretudo, no monoteísmo.

Desde o segundo, ou até mesmo terceiro milênio antes de Cristo, nos inícios do mundo bíblico, no Antigo Oriente, Deus já era invocado como Pai. Embora até mesmo significasse mãe, a percepção inicial da maternidade divina passou pela surpreendente reserva do Antigo Testamento, na qual menos de vinte menções aparecem, para ser finalmente reafirmadas na intimidade do *Abbá* de Jesus (QUEIRUGA, 1993).

É importante analisar estes símbolos para esclarecê-los. O do *teatro* é redimido pela paternidade da distância, formalismo, ou confusão de liberdades (divina e humana); o da *criação* se livra da indiferenciação abissal em que pode sucumbir; e em nenhum dos dois casos perde-se a sua riqueza. Mas, por sua vez, a *paternidade* livra-se, assim, de um risco, para o qual hoje somos muito sensíveis: o do sentimentalismo, pelo qual o símbolo paterno pode submergir em uma espécie de magma sentimental, difuso e infantilizante. Haver chegado a ele mediante o esforço de explicar aos outros os símbolos e desdobrar sua riqueza faz com que a própria paternidade fique distendida em sua objetividade interna e liberada para mostrar os próprios valores (QUEIRUGA, 1993).

Conforme se viu anteriormente, o símbolo de Pai se apresenta desde o início da religião. Assim, o símbolo da paternidade divina faz com que o ser humano repita

em si mesmo a dialética de toda religião em geral e em particular da bíblica (QUEIRUGA, 1993), vividos ao longo da história² (CHAMPLIM, 1983).

Sabendo que é muito forte a relação do símbolo com a paternidade divina, para Queiruga (1993), o que interessa, como resposta a todas as críticas, é a busca direta do rosto de Deus. Isso acarreta uma alegria profunda diante da plenitude desse encontro. E a forma mais expressiva de dissipar todas as objeções é aprofundar e buscar esse símbolo em toda sua plenitude na experiência do Deus de Jesus, do Deus como *Abbá*, como Pai de misericórdia, que revela todo seu amor.

Portanto, Jesus é a chave hermenêutica para a compreensão de toda a Escritura e, consequentemente, para a compreensão de Deus e da própria vida humana, sem a qual ela se tornará vazia, deixando o ser humano órfão no mundo.

Antes de passar ao ponto central deste tópico, deve-se trazer à memória mais uma vez o que aconteceu com esse tema tão anunciado por Jesus: Deus como Pai. Pergunta-se: qual a ideia de paternidade-maternidade no mundo moderno? Percebe-se que, ao invés de se associar Deus a um amor afirmativo da relação paternal, o que há é uma sensação de rivalidade (QUEIRUGA, 1993).

É essa sensação que permeia todo o texto do autor e praticamente todo esse estudo. Para Queiruga (1993), durante a história da humanidade o relacionamento humano com o divino sempre foi de ambivalência, de fascinação e de horror, de entrega e de fuga, amor e temor, adoração e ressentimento.

Se com o símbolo de agente do grande teatro do mundo, em Deus se encontra a dificuldade vislumbrada de superar a antinomia liberdade divina e liberdade humana é, no símbolo de criador que a rivalidade perdura. O entendimento é de que há uma ameaça e há medo pelo descumprimento das leis. Também é possível encontrar esse mesmo sentimento na representação divina de Pai. Em sua essência o que Jesus de Nazaré fez foi descortinar toda figura paterna que estava escondida, a qual ele mesmo chama de revelação. E é isso o que se precisa fazer para resgatar essa imagem trazida por Jesus.

A EXPERIÊNCIA DO *ABBÁ* EM JESUS

É em Jesus Cristo que o símbolo de Pai, relacionado à Deus, alcança sua total representação e uma grandeza insuperável que rompe todas as expectativas e adquire a intensidade e a ternura que influenciarão para sempre toda a experiência religiosa (QUEIRUGA, 1993).

Quando se afirma a total representação é no sentido de que todo o mistério incompreensível ao ser humano acerca de Deus foi manifestado no relacionamento de Jesus de Nazaré com o *Abbá*. Esta manifestação veio com uma grandeza insuperável, enquanto nenhuma outra pessoa pode exprimir, de fato, quem é Deus. Quando se diz: *nenhuma outra pessoa*, isso se refere, aqui, àquelas que pode

deduzir-se que normalmente estivessem bem perto de Deus. Ou seja, profetas, líderes religiosos, ou alguma pessoa santificada; contudo ao dizer *nenhuma*, significa que nem mesmo estas jamais experimentaram e revelaram a Deus tão intensamente como Pai, quanto Jesus de Nazaré.

Como foi essa experiência de Jesus? É importante observar quais expectativas poderiam ter alguém acerca de seu pai naqueles dias. O *pater família* (OLIVEIRA, 2000) era aquele que detinha todo o poder familiar em Roma. Embora Jesus não fosse romano, essa era a condição da sociedade dos seus dias, sob o domínio do Império Romano. A família era do tipo patriarcal, cujo chefe era sempre o mais antigo ascendente do sexo masculino. Como a família tinha características também de grupo religioso, o *pater famílias* desempenhava também o papel de sacerdote. E mais, diante dos bens da família ele era o gerente econômico e tinha funções de magistrado perante os membros da família (OLIVEIRA, 2000).

Assim, é bom perceber a dedicação e a fidelidade da família de Jesus ao Deus de Israel, pois o próprio nome *Yeshua*, colocado por seu pai José no dia da sua circuncisão, embora fosse um nome muito comum naqueles dias, fazia referência ao Deus Salvador³ (PAGOLA, 2010). O pai judeu trazia a figura da *Lei* que se caracterizava muito bem na passagem de Jesus pelo *Bar Mitzwah*⁴ (FERINGTON, 1999) aos doze anos, quando Jesus tinha se tornado *filho da Lei* e se ocupava das *coisas de seu Pai* (cf. Lc 2,41.50 citado por SUSIN; HACKMANN, 1999).

Não se sabe muito da infância de Jesus. Konings (2005) afirma que o que chegou até nós foi a narrativa no Evangelho de Mateus, capítulos 1-2, com o conteúdo diferente do Evangelho de Lucas. O Evangelista Mateus conta o sonho de José (anúncio do nascimento), o nascimento de Jesus, a adoração dos magos, a matança das crianças por Herodes, a fuga ao Egito e a volta para Nazaré. Já Lucas narra o anúncio do nascimento e o nascimento de João Batista, o anúncio do nascimento e o nascimento de Jesus, a adoração dos pastores, a circuncisão de Jesus, sua apresentação no Templo e sua visita ao Templo na idade de doze anos. Quanto ao anúncio do nascimento, Mateus narra do ponto de vista de José e o evangelista Lucas do ponto de vista de Maria. Mas todos afirmam que nasceu em Belém, povoado de Davi, envolto pelo poder de Deus, pois nasceu de uma virgem, cumprindo-se a profecia de Isaias 7,14 (KONINGS, 2005).

Ampliando um pouco mais a visão sobre a infância de Jesus, Eldredge (2007) diz que aos doze anos Jesus tinha ainda a Lei como meditação para a experiência de Deus, pois sendo *filho da Lei*, era *filho de Deus* como todo bom judeu. Assim como todos os meninos e meninas de Nazaré, Jesus aprendeu a crer em Deus com sua família e a praticar a Lei nos encontros aos sábados na sinagoga. Em Jerusalém, em cada festa de celebração, como a Páscoa, Tabernáculos,

Pentecostes, etc., aprendeu junto com seu povo que ao longo da história foi acompanhado por um Deus amigo que os livrava do inimigo e da maldade, e por isso cantavam e louvavam. Foi no retorno de uma dessas festas, a Páscoa, que Jesus desapareceu da caravana que sua família estava viajando. Passaram-se dois dias até que Maria e José percebessem que o menino não estava com eles⁵ (ELDREDGE,²⁰⁰⁷).

Assim como nós, Queiruga (1993) afirma que Jesus passou por momentos de questões investigativas em relação aos sentimentos sobre Deus como Pai, mas provavelmente o que ficou mais registrado durante sua infância e sua juventude foi o fato de descobrir um Deus de Israel, amigo. Talvez a figura de José, seu pai, o tivesse ajudado, mas não a ponto de tal compreensão. Afirma também que o núcleo central da sua personalidade foi a vivência do Pai, que lhe infundia uma confiança sem limites e que emanava em todos os sentidos da vida, contagiando a todos ao seu redor.

Mas, com cerca de trinta anos, Deus Pai torna-se o mistério fontal de Jesus, percebe n'Ele Aquele que gera a vida, a missão e a sua alegria. Quando, querendo inflamar também aos outros, pergunta: “Olhai as aves do céu: não semeiam, nem colhem, nem ajuntam em celeiros. E, no entanto, vosso Pai celeste as alimenta. Ora, não valeis vós mais do que elas? Não fará ele muito mais por vós, homens fracos na fé?” (Mt 6,26.30). “[...] não deixa ele as noventa e nove nos montes para ir à procura da extraviada?” (Mt 18,12). “Ora, se vós que sois maus sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai que está nos céus dará coisas boas aos que lhe pedem” (Mt 7,11). Assim, é como se Jesus perguntasse: ‘vocês não sabem como o Criador, seu Pai se sente em relação a vocês? E respondesse: mas eu já sei’⁶ (ELDREDGE, 2007).

Como Jesus foi capaz de conciliar a autoridade e a ternura numa figura paterna como a daqueles dias? Não é fácil responder as perguntas sobre como Jesus veio a experimentar o Pai, pois ele mostra-se discreto sobre a sua vida interior, mas sua conduta, suas palavras e gestos permitem perceber, de alguma maneira, uma experiência sublime. Não tem outra explicação senão a que o autor chama de *vivência do Pai, vivência do Abbá* (QUEIRUGA, 1993). Essa experiência constitui o núcleo central da personalidade de Jesus e revela uma identidade totalmente nova acerca da divindade.

De fato, que Deus era Pai até podia se ter essa noção, pois como visto anteriormente, essa já era uma consciência do Antigo Testamento. Mas que Pai era esse? Até que ponto vai o seu amor e seu respeito pelo ser humano? Só Jesus em sua experiência com o Pai o poderá revelar⁷ (SCHILLEBEECKX, 2002).

É interessante fazer aqui uma observação, pois a teologia de Queiruga pode ser confirmada pelo biblista e autor espanhol contemporâneo, Pagola (2010). Portanto, é no propósito de confirmar a intuição do teólogo em estudo que algumas

citações passam a iluminar um pouco mais o ambiente palestinese em que Jesus atuou.

O tempo que Cristo passou no deserto foi de preparação para o seu ministério e é ali que começa a irrupção de Deus. Aquela experiência paterna de Deus que agora já não é mais uma expectativa, mas precisa ser anunciada como uma realidade, pois para ele já era chegado o Reino de Deus. Pagola (2010, p. 109), acrescenta:

Em sua vivência pessoal surge uma confiança sem limites, que o faz deixar o deserto, cruzar o rio Jordão e entrar novamente na terra do seu povo. Não se encaminha para Jerusalém nem para a Judéia, mas vai para a Galileia. A confiança em Deus traz em seu coração um fogo que o faz sentir necessidade de anunciar a todos a boa notícia que descobrira e que o queima por dentro: que Deus veio libertar seu povo de tanto sofrimento e opressão.

Vê-se, portanto, Jesus em seu ministério passando por todas as camadas da sociedade humana apresentando a pessoa do Pai amoroso. Mas, principalmente, ele se encontra com os desesperados e não percebendo sequer alguém que os socorra, apresenta o Pai celeste já presente entre eles para lhes socorrer. Ele se torna o profeta itinerante, que ao invés de se instalar em sua casa em Nazaré, se dirige ao Lago da Galiléia e começa a viver em Cafarnaum, na casa de Simão e André. Vê-se que, nessas peregrinações, ele *foi andando de povoado em povoado e anunciando a boa notícia do reino de Deus* (Lc 8,1).

Em nome de quem estaria Jesus pregando? Com que intenção ele vai contra a instituição política e religiosa já estabelecida? Para Queiruga Jesus conduzirá, com plena clareza, esse espírito questionador e estabelece o amor divino até sua consumação. Sua vida, tanto quanto sua palavra, se transformará em uma parábola viva do amor; um amor que se funda em Deus unicamente (QUEIRUGA, 2003). Observando o que diz Pagola (2010), Jesus em momento algum fala em nome de qualquer instituição, qualquer partido político, ou governante, nem mesmo da Igreja, mas somente em nome do Pai. Assim, o reino de Deus é sua grande obsessão. Para ele dedica todo o seu tempo, suas forças e sua vida inteira. É o reino a paixão que anima toda a sua atividade. Jesus não tem preocupação de anunciar nenhuma doutrina religiosa; não é um mestre das tradições religiosas de Israel, mas faz o serviço de um profeta apaixonado que deseja que a vontade do Pai de amor seja estabelecida em todas as leis até então reveladas e escritas, que sejam acolhidas e vivenciadas. Viver a lei de Deus é acolher o Pai e o seu reino de justiça e de misericórdia (PAGOLA, 2010).

Nos dias de Jesus, ainda dominado pelos romanos, rodeado de camponeses oprimidos pelos poderosos e num mundo cheio de corrupção e injustiça, mesmo vivendo

conforme o povo de Israel, Jesus devido à sua vivência com o *Abbá*, fala com uma convicção surpreendente que Deus está ali e atua de maneira nova. O teólogo Queiruga (1999) acentua que muito além de qualquer outro tema, para Jesus o fundamental é que ele está, de modo incondicional ao lado das vítimas e diante do mal que as oprime. Sua vida é, por essência, oposição às forças do mal. Sua presença liberta o ser humano tanto da miséria radical que o oprime, como do pecado e das suas consequências: doença, fome, desprezo. E a sua missão consiste em trazer a *boa notícia* de que Deus está presente, com seu amor e com seu poder, para salvar a todos.

Dentro desta mesma linha de pensamento, Pagola (2010, p. 121) diz que “[...] a força salvadora de Deus já estava em marcha, porque Jesus já havia experimentado isso e agora o quer comunicar a todos”. O *Dia do Senhor* não era mais um sonho distante que chegaria um dia, no futuro, pois as profecias assim pregavam essa esperança, mas era algo que se podia captar desde agora. Assim, Deus começa a fazer-se sentir pela sua presença, andando agora entre o povo na pessoa daquele que surpreendentemente assume o papel de um Filho Amado.

É ele mesmo quem encarnará a mensagem de amor do Pai a ponto de dizer: “Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido” (Lc 19,10). É da vivência do *Abbá* que Jesus tira toda a confiança com a qual contagia os desesperançados. Aos aflitos diz: “Não vos angustieis; não tenhais medo, pois para Deus, vós valeis mais” (Mt 6,25-35; 10,26-33) que todas as criaturas. Quem era esse que impulsionava Jesus a viver de forma tão ousada e radical?

UMA NOVA IMAGEM DE DEUS

Conforme Queiruga (1993), apesar da dureza e das contradições existentes na relação entre Jesus e *Abbá*, a vida com o Pai se torna alegria e ação de graças. Exemplo disso é a própria valorização da vida, vinda de um Jesus que chama e reconhece, como sábios e inteligentes, pessoas muito humildes. Jesus compreendeu que o que aconteceu com ele foi uma revelação da parte de Deus. Todas as referências divinas encontradas na história de seu povo Israel tinham como objetivo trazer a salvação e o estabelecimento de seu Reino⁸. Mateus registra o louvor de Jesus por experimentar tal revelação de Deus e o coloca numa posição de sublime humildade: “eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e doutores e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai, e ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (Mt 11,25-27; QUEIRUGA, 1993).

Quando Jesus outorga esse novo símbolo de Deus aos discípulos demonstra que o encontro revelador de Deus com o ser humano aconteceu nele próprio e isso se deu de modo insuperável e total. A livre decisão divina de se comunicar totalmente e sem reservas à humanidade encontrou em Cristo a máxima recepção possível na história.

Só Jesus foi capaz de experimentar, em toda sua radicalidade, a presença ativa de Deus e acolhê-la na entrega absoluta da sua liberdade. A liberdade divina em se autocomunicar com o ser humano é fruto da graça infinita e do amor do Pai que, por sua vez, espera ser acolhido, também por estes, em liberdade. É com aqueles que humildemente buscam a face divina, num encontro paternal, que Jesus vai compartilhar sua experiência, a ponto de afirmar: “não tenhais medo, pequenino rebanho, pois foi do agrado do vosso Pai dar-vos o Reino” (Lc 12,32). Uma vez entregue essa revelação aos discípulos isso constituiu o ponto culminante do processo pelo qual o ser humano, como ser emergente que se realiza na história, alcança sua realização última no encontro com Deus (QUEIRUGA, 2007).

Sendo uma revelação, é esta nova perspectiva de Deus que Jesus entrega aos seus seguidores. Para Queiruga, Jesus efetivamente entrega este símbolo de Pai aos seus discípulos. Porém ele questiona: por que Jesus revelou e entregou, este símbolo a seus discípulos? Citando Lucas como a provável redação original, afirma estar aí uma possível resposta: “[...] estando em certo lugar, orando, ao terminar, um de seus discípulos pediu-lhe: ‘Senhor, ensina-nos a orar, como João ensinou a seus discípulos’” (Lc 11,1). Fica claro que o pedido parte de um discípulo anônimo, o que demonstra para o autor que cada grupo religioso, junto com seu mestre, tinha um modo típico de orar, o qual correspondia a uma forma específica de se relacionar com Deus⁹ (ALDAZABAL; BOROBIO, 2000). É nessa ocasião que Jesus entrega a oração do Pai Nosso e usa, justamente, a palavra *Abbá*, como o “[...] santo e a senha de sua mais profunda e original intimidade” (QUEIRUGA, 1993, p. 97).

Essa revelação de Deus, por meio de Jesus, é o que Queiruga chama de *culminação em Cristo*. É preciso, no entanto, observar a proposta efetiva de Jesus aos discípulos. Ela sugere sua insuperabilidade, pois não existe na história humana qualquer outra proposta que supere a que, na consequência radical da palavra e da conduta, fala de um Deus pessoal que é amor e que perdoa sem condições. É uma proposta de mudança radical do símbolo divino, quando se tem, a partir de então, a visão de que Ele, o Pai, é quem “faz nascer o sol sobre os bons e sobre os maus” (Mt 5,45) e “quer que todos os homens se salvem” (1 Tm 2,4); como o Pai suscita uma atitude religiosa de confiança filial nele e promove uma ética de serviço, sobretudo aos mais necessitados, e de amor a todos, inclusive ao inimigo, quando diz: “eu, porém, vos digo, a vós que me

escutais: amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam” (Lc 6,27; QUEIRUGA, 2005).

UMA IMAGEM DE DEUS NÃO EXCLUDENTE

Para Queiruga a proposta apresentada aos discípulos como *culminação* não é excludente, como se fora dela não existisse nada, mas é exatamente o contrário, pois supõe distintos modos, graus e caminhos. Deus se apresenta em outras épocas e faz-se presente também em outros povos e religiões. Assim como os próprios discípulos já tinham feito sua experiência do Deus de Israel, teriam agora que lidar com essa nova proposta, pois sendo judeus tinham a visão da exclusividade como povo santo¹⁰ (MIRANDA, 2009). O que aqui se reconhece – e por isso se é cristão – é tão-somente o coerente, integral e definitivo da nova proposta que em Jesus se realiza e se oferece a quem com humildade puder receber (QUEIRUGA, 2005).

Para Queiruga essa revelação em Cristo não se situa separada das demais. Origina-se, por emergência e intensificação, do fundo comum que é a presença reveladora de Deus a todos os homens. Parte da experiência de todos e nunca caminha para fora delas. Isso faz Jesus de Nazaré captá-la de um modo específico e levá-la a sua culminação. Por isso Jesus foi capaz de amalgamar – e somente nele mesmo isso é historicamente possível – com a tradição de Israel e, por meio dela, dialogar com toda a humanidade. Quando revela o Deus de Israel como Pai, o entrega a todos que estão ao seu redor e o faz aos pobres, estrangeiros e pecadores.

Por isso mesmo, a missão cristã dada aos discípulos de também transmitir¹¹ (KUCHENBECKER, 2004) a outros essa boa nova – apesar dos muitos pecados de sua história – chega sempre a uma casa já habitada pelo Senhor¹². Aquilo que faz é oferecer seu novo e pleno modo de compreendê-la como único e comum a todos. O que ocorre é que isso só pode acontecer, por essência, numa única pessoa. A revelação refere-se a toda a humanidade, à realização última do homem que se faz na descoberta de sua relação viva com Deus. Por definição, descobrir aqui o fim último da sua vida é realizá-la na abertura da própria existência (QUEIRUGA, 2005). Assim, diz Queiruga: não tem cabimento o símbolo sem a realização, porque no processo de chegar ao extremo de si mesmo, a partir da relação com Deus, o ser humano só pode ver o que vive e, neste processo de desenvolvimento, todos estão incluídos. Diante disso, pode-se perceber a intimidade de Jesus com os discípulos vivendo a experiência do Pai e desejando ardentemente a superação das limitações humanas para experimentar a vida divina com Ele. Aqui a realização é a única que abre a possibilidade de avançar realmente na descoberta e na comunhão, é o único modo de ser representação.

UMA IMAGEM DE DEUS PARA TODOS

A experiência de Cristo, assim como não foi só para Ele, não deveria ser só para os discípulos, bem como não é possessão dos cristãos¹³; é dom que emerge num ponto da comunidade religiosa humana e que a toda ela é intrinsecamente destinada. Deus continua sendo o único Senhor de todos e para todos e os discípulos seriam testemunhas dessa presença de um Deus para todos.

Por outro lado, Queiruga (2005) afirma que a missão cristã sabe muito bem que não sai nunca ao deserto da pura ausência da presença de Deus, e sim ao encontro de outro rosto, do Senhor. É certo que a esse encontro o cristão vai sempre impulsionado pela própria força da plenitude experimentada. Esta torna sensível as deformações que encontra fora: o rosto entrevisto, a partir da insuperável irradiação da vida de Jesus, suscita o desejo de fazê-lo brilhar também nos demais, eliminando sombras, corrigindo traços e abrindo as últimas profundidades.

Foi esse o desafio abraçado pelos discípulos e pelos primeiros cristãos, quando, apesar de toda perseguição, saem pelo mundo anunciando a paz, a ponto de serem denunciados como “aqueles que têm alvoroçado o mundo” (cf. At 17,6). Mas também estão conscientes das próprias deficiências: um encontro com a manifestação de Deus nas outras religiões constitui um convite para se corrigir dos defeitos e para se descobrir novas riquezas em relação a Deus, que a inevitável estreiteza da própria tradição não permitia ver (QUEIRUGA, 2005).

A presença real, salvífica e reveladora de Deus no coração de toda a história da humanidade é, para o autor, uma presença que se traduz de maneira concreta nas religiões. Queiruga (2007) afirma que a religião deve eliminar, na raiz, todo esquema subconsciente que tenda a manter a equação cristianismo / religiões = revelação / não revelação e que tenciona a seguir também o velho esquema da existência de uma só religião revelada, relegando todas as outras à condição de religiões *naturais*. Assim, torna-se mais um tema polêmico e, com efeito, essa particularidade de um Deus que se revela privilegiando para separar não foi o que Jesus transmitiu. Muito pelo contrário, sua intenção foi cultivar todas as possibilidades de cada religião de forma que o esquema subconsciente fosse eliminado ainda hoje, como devia ser anteriormente entre os discípulos. Era a condição do “nós sim” / “os outros não”, normalmente traduzido por “nós verdadeiros”, aqueles que devem sair em missão enquanto, / “os outros falsos”, aqueles que devem vir a nós (QUEIRUGA, 2007, p. 138).

Rubio (2006) lembra que Jesus Cristo e, conseqüentemente, a imagem de Deus Pai que revela não é produto de *exportação* do mundo ocidental, pois a graça salvadora de Cristo opera em todos os homens de boa vontade, não apenas nos cristãos. Acrescenta que, ainda na transmissão desta imagem de Deus aos índios e negros, como resultado do encontro evangelizador, viu-se na história a repetição

do comportamento do grupo de Jerusalém: “índio e negro podem receber a fé cristã. Para isso devem ‘vir’ ao nosso mundo branco aceitando a ‘nossa visão do mundo e a nossa comunicação’” (RUBIO, 2006, p. 21).

Apesar da revelação plena de Jesus, nem os discípulos compreenderam de fato toda a sua amplitude. Compreender isto não foi fácil, também, para a Igreja, porque o particularismo apropriador e excludente é sua tentação perene. E, já desde o princípio, a tentativa de superá-lo – recorde-se todo o conflito que subjaz ao Concílio de Jerusalém – esteve a ponto de romper a comunidade primitiva. Mais adiante se voltará a este ponto. O que importa, aqui, é a percepção da tarefa inacabável da experiência do crente, apoiada na recordação de Jesus e na estirada até a sua plenitude¹⁴ (LADARIA, 2005).

Todo o Novo Testamento é reflexo desta dialética, que supõe uma entrega ao influxo da história, na qual a consciência da revelação necessita *reconfigurar-se*, continuamente. Vê-se, assim, como foi difícil para os primeiros discípulos *reconfigurar* sua representação de Deus. Por conseguinte, o que se obtém nessa primeira e fundante reconfiguração leva a se descobrir o fundamental, ou seja, a partir da experiência aberta por Jesus, os discípulos e a Igreja neotestamentária tomaram consciência de todas as chaves decisivas da relação Deus-homem e de suas consequências para a vida (QUEIRUGA, 2007).

UMA IMAGEM DO DEUS DE AMOR

Para Queiruga (2007), como já citado, não estamos diante da “lógica do privilégio, mas sim diante da estratégia do amor”. Se Deus quer entregar-se totalmente à humanidade, “tem de” fazê-lo num ponto concreto da história, pois esta é real e não uma mera aparência. Justamente por isso essa entrega é mal interpretada. Ora, se ela não é vista como dom para todos, num gesto de amor que a todos se oferece, como será possível sua realização?

Jesus herda um Deus que é Criador do céu e da terra e enriquece-o com sua vivência filial ao honrá-Lo como Criador, enquanto *Abbá*, enquanto um Deus pai-mãe, que só por amor traz o ser humano à existência e única e exclusivamente por amor atua na história. Um Deus que, por sua plenitude, não tem carências, mas é infinitamente dom: um Deus que consiste em ser *ágape*, em cuja ação é sem egoísmo e pura afirmação generosa do outro (QUEIRUGA, 2006).

A experiência de Jesus culmina numa plenitude relativa, mas aberta. A plenitude da qual aqui se trata não é disponível, nem sequer para o próprio Jesus, porque em relação ao destino pleno de Jesus e da revelação que trouxe pertencem, também, sua morte e sua ressurreição. Jesus aprendeu a conciliar a visão de um Deus que é todo amor com a realidade limitada deste mundo. Como humano Jesus era limitado e a revelação fez nele seu caminho, pois também ele foi

o receptor da revelação. Dentro da história não se podia viver na plena transparência e, de fato, os próprios evangelhos já apresentaram Jesus envolvido na busca e no questionamento, até o último momento de sua vida: “Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?” (Mc 15,34; Mt 27,46; QUEIRUGA, 2007).

Com respeito a essa imagem do Deus cristão que é ágape, Rubio (2006) acrescenta que é um Deus comunidade (Deus Trino), cujo enviado vive um messianismo de serviço e não de dominação. Assim sendo, os discípulos e todos os que anunciam o evangelho, devem fazê-lo somente quando guiados pela atitude coerente de respeito ao outro, na sua existência e na sua situação concreta. O que se vê na atitude do grupo de Jerusalém, mencionado em Atos 15, foi a redução do outro a si mesmo, o que, para Rubio (2006), é um desserviço à evangelização. É nessa busca pela realização plena, que se encontra na confiança em Deus Pai, que a Igreja vai caminhar desde então, procurando sua semelhança com Cristo e demonstrando ao mundo essa experiência vivificadora.

CONCLUSÃO

A presença de Deus, desde os tempos mais remotos, tem sido buscada pelo ser humano durante toda a sua história sobre a face da terra. Isso produz uma conceituação da divindade, mesmo não sendo intencional.

Neste trabalho, mostrou-se como a imagem de Deus foi descortinada pelos escritores das Sagradas Escrituras. Percebe-se, no mundo atual, que a fé se expressa numa cultura e que a pessoa humana se encontra em uma cultura diferente da época na qual se registraram as Sagradas Escrituras e distinta também daquela na qual viveu Jesus de Nazaré, em cujo cristianismo tem-se a evidência perfeita da revelação de Deus.

Mais adiante, buscou-se compreender como se deu a experiência de Jesus com o *Abbá* e como ele foi capaz de conciliar a autoridade e a ternura na figura da paternidade divina. O que Queiruga chama de *vivência do Pai* é o que constituiu o núcleo central da personalidade de Jesus, que pode revelar uma identidade totalmente nova acerca da divindade. Nesta sequência, observou-se que Jesus revela aos seus discípulos uma nova representação divina baseada na experiência da sua vivência paternal que moldou a sua vida e também seus relacionamentos.

Nota-se que Jesus revela aos seus discípulos uma nova representação divina baseada na experiência da sua vivência paternal que moldou a sua vida e também seus relacionamentos. Esse novo conceito de Deus não é excludente, mas apresentado como um Deus para todos, um Deus de amor. Ao compreender tal revelação, os discípulos fazem a reflexão que está registrada no Novo Testamento

que, apesar da estranheza da palavra *Abbá* ser aplicada a Deus, foi acolhida nas comunidades e transmitida, sobretudo por via litúrgica a todas as outras gerações.

Ainda é importante expressar que a visão teológica de Andrés Torres Queiruga resgata a imagem de um Deus terno e amoroso, que incentiva o ser humano a viver uma vida plena, apesar das dificuldades que a limitação da realidade mundana diuturnamente demanda, mas que está ao lado da pessoa como o maior amigo, incentivando a levar essa alegria até os *confins da terra* (cf. At 1,8).

Este trabalho não teve a pretensão de esgotar o assunto, uma vez que falar de Deus é uma ação inesgotável para o ser humano. Objetivou-se apenas contribuir com o despertar das Igrejas para refletirem a respeito do conceito de um Deus Salvador, buscando alento para quantos estejam sem esperança neste mundo e para os que a perderam no âmbito espiritual. Incentiva-se, então, a olhar para Jesus de Nazaré, Aquele que nos dias do primeiro século da era cristã pelos caminhos empoeirados da Palestina transmitiu a mensagem de alegria, mostrando que o Reino de Deus já estava entre todos.

GOD BLISS FULL OF HUMAN: GOD'S CONCEPT IN THEOLOGY ANDREA TORRES QUEIRUGA

Abstract: the purpose of this paper is to present as Queiruga sees the face of God, with a critical eye to the individual vision, secular, without the filter of view of Jesus Christ. This new concept of God is not exclusive, but presented as a God for all, and what he says is: a God of love.

Keywords: Image of God. Modernity. Experience of Abba. Existential realization.

Notas

- 1 Segundo Rubio (2006), as tradições mais antigas da experiência das intervenções salvíficas de Deus em favor do grupo de Moisés e de todo o Israel, já na terra de Canaã, chegou até nós em várias versões escritas: a) versão Javista, com a visão de que por meio de Israel, a salvação é para todos os povos. b) versão Eloísta, que traz a resposta negativa de Israel. c) versão Deuteronomista, trazendo a interpelação da eleição e da aliança; e d) versão do escrito Sacerdotal, apresentando um futuro aberto.
- 2 Há cinco mil anos passados, ou talvez um pouco antes, os arianos, que ainda não falavam nem o sânscrito, nem o grego e nem o latim, chamavam Deus de 'Dyu patar', Pai celeste. Há quatro mil anos passados, ou pouco antes, os arianos que se locomoveram para o sul dos rios Panjab, chamavam-no de 'dyaush-pita', Pai celeste; há três mil anos passados, ou um pouco antes, os arianos das praias do Helesponto, chamavam-no de 'zeus pater', Pai celeste. Há dois mil anos atrás os arianos da Itália olhavam para o brilhante céu acima de suas cabeças, e chamavam de 'Ju-piter', Pai celeste. Extraído do livro *Lectures on the Origin*

of Religion, de Max Muller, em conferencias na Abadia de Westminster.

- 3 Yeshua é a forma abreviada de Yeoshua e quer dizer “Javé salva”. Conforme Pagola (2010), Filon de Alexandria, filósofo judeu contemporâneo de Jesus, diz numa de suas obras que Jesus significa “salvação do Senhor”.
- 4 Bar Mitzwah significa “Filhos do Mandamento” e é o nome dado à cerimônia que insere o jovem judeu como membro maduro na comunidade judaica. É no Shabat seguinte ao aniversário de treze anos que o menino judeu marca o advento de sua obrigação religiosa, quando é pela primeira vez chamado a ler em público a Torá e torna-se um membro efetivo da congregação.
- 5 Quanto ao desaparecimento de Jesus podem-se supor duas coisas: negligência dos pais (teoria que não é apoiada devido a outros fatos relacionados à família de José e Maria), ou uma notável segurança e confiança que tinham no menino.
- 6 Eldredge (2007) afirma que fomos criados para uma iniciação tendo em vista o aperfeiçoamento até a condição de consciência de filho de Deus. Jesus é um exemplo perfeito desta iniciação e passou por todos os estágios de desenvolvimento, que ele denomina de: infância, caubói, guerreiro, descoberta do amor, rei e sábio, até que ouviu de Deus Pai: Meu filho amado.
- 7 Eram numerosas as distorções da imagem de Deus, já que o judaísmo tardio, com sua tendência segregacionista e elitismo religioso, negava na prática o amor universal de Deus.
- 8 Confirmando o que apresenta Queiruga (1993), para Tillich (2005), revelação e salvação são elementos da criatividade diretiva de Deus. Deus dirige os processos da vida individual, social e universal para sua plenitude no Reino de Deus (TILLICH, P. *Teologia Sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2005).
- 9 Os discípulos não estão pedindo que lhes ensine propriamente o que não sabem, mas pedindo uma oração que seja distintiva do grupo de discípulos que tem Jesus como mestre.
- 10 Nem as bem-aventuranças se limitavam somente aos pobres de Israel, pois o Reino de Deus foi anunciado também aos que não eram judeus, aos samaritanos, aos publicanos e aos pecadores.
- 11 Entende-se por ordem da “grande comissão” o mandado de Jesus Cristo a seus discípulos no dia da sua ascensão, registrado em Mt 28,19: “Portanto, vão a todos os povos do mundo, e façam que sejam meus discípulos...”
- 12 Isso fica explícito quando Pedro vai à casa de um centurião romano, Cornélio, em Atos 10, cuja conversão é aos olhos de Lucas não um caso individual, mas têm o seu alcance universal, o que se deduz das visões de Pedro e Cornélio.
- 13 Na experiência da transfiguração Pedro disse a Jesus, num desejo avassalador: “Senhor, bom é estarmos aqui, se queres farei aqui três tendas; uma será tua, outra para Moisés, outra para Elias. Mas Jesus lhe adverte ordenando-lhe: A ninguém conteis a visão ATÉ que o Filho do homem ressuscite dentre os mortos” (Mt 17,4.9).
- 14 Em Jesus apresenta-se uma identidade perfeita entre a espontaneidade no cumprimento da missão e a plena obediência com que a realiza. Desde sempre o amor do Pai que dá à luz o Filho é o amor que dá e gera. O amor do Filho é o da resposta, frente ao do Pai, que dá tudo.

Referências

ALDAZABAL, J.; BOROBIO, D. (Orgs.). *A Celebração na Igreja: ritmos e tempos da celebração*. São Paulo: Loyola, 2000.

- CHAMPLIM, R. N. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*. São Paulo: Millennium, 1983.
- ELDREDGE, J. *A Grande Aventura Masculina: como encontrar seu coração selvagem e descobrir uma vida de desafios e emoções*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007.
- KONINGS, J. *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*. São Paulo: Loyola, 2005.
- KUCHENBECKER, V. (Coord.). *O Homem e o Sagrado: a religiosidade através dos tempos*. 8. ed. Canoas: ULBRA, 2004.
- LADARIA, L. F. *O Deus Vivo e Verdadeiro: o mistério da Trindade*. São Paulo: Loyola, 2005.
- MIRANDA, M. F. *A Salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- OLIVEIRA, I. S. *Programa de Direito Romano*. 2. ed. Canoas: ULBRA, 2000.
- PAGOLA, J. A. *Jesus, Aproximação Histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- QUEIRUGA, A. T. *Autocompreensão cristã: diálogo das religiões*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- QUEIRUGA, A. *Creio em Deus Pai: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano*. São Paulo: Paulus, 1993.
- QUEIRUGA, A. *Diálogo das religiões*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus: por uma nova imagem de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- QUEIRUGA, A. *Fim do Cristianismo Pré-Moderno: desafios para um novo horizonte*. São Paulo: Paulus, 2003.
- RUBIO, A. G. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristã*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2006.
- SCHILLEBEECKX, E. *Jesús: la historia de un viviente*. Madrid. Editorial Trota, 2002.
- SUSIN, L. C.; HACKMANN, G. L. B. (Orgs.). *Deus Pai*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Leopoldo: Sinodal. São Paulo: Paulus, 1998.

